

O FUTURO DO CAPITALISMO ATUAL: NA BUSCA DE UMA ALTERNATIVA CIVILIZACIONAL ¹

CAPITALISM'S FUTURE

LUANA COSTA TRINDADE²

ELANA CARLA DA CRUZ LEAL³

RESUMO

O capitalismo, como sistema econômico, visa a acumulação de capital e maximização de lucros, influenciando as relações sociais e ambientais. A crescente desigualdade e crises recorrentes evidenciam suas contradições estruturais. Marx (2013 [1867]), através da Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro, explica como o aumento do capital constante em relação ao capital variável leva à redução da taxa de lucro, resultando em crises econômicas e centralização do capital. Harvey (2005) e Mészáros (2015) aprofundam a análise das crises do capitalismo, destacando impactos sociais e ambientais. O sistema gera desigualdade extrema, degradação ambiental e instabilidade econômica, ao mesmo tempo que impulsiona inovações tecnológicas e crescimento urbano. A globalização amplia a circulação de capitais, mas restringe a mobilidade das populações mais vulneráveis. As crises financeiras e ecológicas demonstram a insustentabilidade do modelo atual. Alternativas, como o "decrecimento" e políticas de redistribuição, são debatidas, mas enfrentam resistência. Diante dessas contradições e dos limites ambientais, a transformação estrutural do sistema não é apenas desejável, mas essencial para garantir um futuro sustentável e inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Crescimento Econômico, Crise, Desigualdade, Sustentabilidade, Transformação Social.

ABSTRACT

Capitalism, as an economic system, aims to accumulate capital and maximize profits, influencing social and environmental relations. Growing inequality and recurring crises highlight its structural contradictions. Marx (2013 [1867]), through the Law of the Tendency of the Rate of Profit to Fall, explains how the increase in constant capital in relation to variable capital leads to a reduction in the rate of profit, resulting in economic crises and the centralization of capital. Harvey (2005) and Mészáros (2015) further analyze the crises of capitalism, highlighting the social and environmental impacts. The system generates extreme inequality, environmental degradation and economic instability, while at the same time driving technological innovation and urban growth. Globalization expands the circulation of capital, but restricts the mobility of the most vulnerable populations. The financial and ecological crises demonstrate the unsustainability of the current model. Alternatives, such as "degrowth" and redistribution policies, are being debated but are facing resistance. Faced with these contradictions and environmental limits, the structural transformation of the system is not only desirable, but essential to guarantee a sustainable and inclusive future.

KEYWORDS: Economic Growth, Crisis, Inequality, Sustainability, Social Transformation.

¹ Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa "Observatório Paraense do Mercado de Trabalho", coordenado pelo professor e pesquisador José Raimundo Trindade.

² Graduanda do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Pará. E-mail: luana.trindade@icsa.ufpa.br

³ Graduanda no curso de Economia- Universidade Federal do Pará- elanacruz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O capitalismo, como sistema econômico dominante, é impulsionado pela incessante busca de acumulação de capital e maximização de lucros, moldando não apenas as dinâmicas econômicas, mas também as relações sociais e ambientais. Compreender as bases desse sistema é crucial para prever seu futuro, especialmente em um contexto de crescente desigualdade, crises periódicas e desafios ecológicos. Segundo o relatório da Oxfam (2023), 1% da população mundial possui mais riqueza do que os 99% restantes, destacando a extrema desigualdade gerada pelo capitalismo e a falha estrutural do sistema em garantir o básico para grande parte da população⁴.

Diversas correntes de pensamento oferecem interpretações sobre o futuro do capitalismo. As teorias clássicas liberais de Adam Smith e David Ricardo enfatizam a eficiência do mercado e a "mão invisível" que orienta a alocação de recursos. Em contrapartida, as abordagens neoclássicas neoliberais, defendidas por economistas como Milton Friedman e Friedrich Hayek, promovem a noção de completa liberação das relações mercantis, com pretensa total liberdade econômica e a desregulamentação como essenciais para o crescimento. No entanto, as críticas de pensadores como Karl Marx e Friedrich Engels, apoiados posteriormente em dois séculos de formulação marxistas, apontam que o capitalismo é intrinsecamente contraditório e insustentável. Marx, em sua obra "O Capital", destaca que diversas contradições internas a acumulação capitalista se manifesta, sendo a principal a tendência secular ao declínio da taxa de lucro, levando a crises de superprodução e instabilidade econômica. A análise das contradições de Harvey, por sua vez, revela como o capitalismo, ao ignorar as consequências de suas transformações, provoca desastres sociais e ecológicos.

Este trabalho se propõe a discutir os enlaces futuros do capitalismo atua e como se coloca a necessidade de uma alternativa civilizacional, utilizando como base teórica as obras de Marx e Engels, além de autores marxistas como Mészáros, Harvey e Foster. A análise abordará a lógica interna do capitalismo, suas contradições, e as soluções propostas por esses autores para os problemas contemporâneos, como a urgência de repensar o desenvolvimento econômico ilimitado em um contexto de crise e a busca por alternativas sustentáveis.

2. MARX E A CRISE DO CAPITALISMO: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

⁴ A noção de "falha estrutural" se baseia em Marx (2013 [1867]) que elabora pela primeira vez a noção de "falha metabólica", que relaciona as relações metabólicas entre humanidade e natureza, assim observa-se os hiatos metabólicos de modificação da natureza pelas diferentes sociedades humanas, sendo que no capitalismo a referida falha metabólica se aprofunda num nível de impossibilidade recuperativa da natureza e seu efetivo esgotamento sistêmico, para um excelente desenvolvimento destes elementos conferir Foster (2000) e Saito (2023).

Karl Marx, em sua obra “O Capital”, relaciona a crise do capitalismo essencialmente à Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro. Para compreendê-la, é necessário primeiro entender que o valor de uma mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário (TTSN)⁵ para sua produção, expresso em valor de troca no mercado.

Para Marx (2013 [1867]), durante o processo produtivo, observa-se que a mercadoria é composta tanto pela força de trabalho, responsável por gerar mais-valor⁶ quanto pelos meios de produção, que correspondem, respectivamente, ao capital variável e ao capital constante. A razão entre estes dois é dada pela composição orgânica do capital (COC).

Desta forma, segundo o enunciado da Lei referida, ao longo do processo de acumulação capitalista, há a tendência de elevação da composição orgânica do capital, resultando na redução da taxa de lucro – sendo esta resultado da razão do mais-valor pela soma do capital constante e variável. Isto apesar de ir contra o pensamento capitalista de elevar os lucros por meio do incremento do capital constante, se explica, pois, o crescimento gradual do capital constante em proporção ao capital variável significa apenas que a mesma quantidade de força de trabalho tornada disponível por um capital variável dado, mobiliza, em consequência dos métodos de produção peculiares que se desenvolvem no interior da produção capitalista, uma massa sempre crescente de meios de trabalho. (MARX, 2017)

Assim, o desenvolvimento da força produtiva através do emprego de máquinas, fez com que o mesmo número de trabalhadores produzisse uma quantidade maior de mercadorias com menos trabalho social. Como resultado da queda de capital variável, os custos de produção tendem a cair, bem como seu valor, que depende do TTSN. Isso torna o produto mais barato e desvalorizado, reduzindo a taxa de lucro.

Marx (2017), argumenta também que a tendência à queda da taxa de lucro resulta em crises econômicas como superprodução, pois o desenvolvimento da força produtiva tende a acelerar a capacidade de produção acima da capacidade de consumo das massas, levando as empresas a enfrentarem dificuldades financeiras, desaquecendo a economia.

⁵ TTSN é percebido no movimento de troca que se revela a substância (valor) em comum, através da força de trabalho (FT) conjunta da sociedade. Assim como afirma Marx (2013, p.99) “Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer sob as condições normais para uma dada sociedade com o grau social médio de destreza e intensidade do trabalho”. Ao tirarmos a média de uma do tempo de trabalho para a produção de um determinado produto em diversas fábricas teremos uma estimativa do que seria um TTSN, por exemplo.

⁶ Mais-valor é a diferença entre o valor total criado pelo trabalhador durante o tempo de trabalho e o valor pago a ele como salário. Na produtividade do trabalho, ao aumentar a eficiência na produção, pode influenciar a quantidade de mais-valia gerada (MARX, 2013).

De acordo com Dantas (2009) desde 2006, a taxa de lucro tem entrado em queda livre; estudos demonstram que tal queda da taxa de lucro coincide com o início dos períodos de crise, demonstrando que, a partir do final da década de 60, estabeleceu-se um padrão de ciclos de expansão da taxa de lucro cada vez menores, interrompidos cada vez mais por períodos de queda, em que a recuperação se dá sempre em níveis mais baixos que no período anterior, como é demonstrado por Michael Roberts (2022) no gráfico abaixo. Tal padrão é resultado do declínio na razão produto-capital.

Gráfico – Análise da taxa de lucro global anual relacionada às crises econômicas



Fonte: Michael Roberts (2022)

Essas crises podem ser enfrentadas por meio da reestruturação ou destruição do capital, como tentativa de restabelecer a taxa de lucro. Segundo Marx (2017), as crises resultam na expropriação de capitalistas menores, centralizando o capital. Isso resultaria na desvalorização do capital constante que, por sua vez, ajudaria a restaurar a taxa de lucro. O declínio da taxa de lucro formalmente em Marx (2017) pode ser visto pela expressão algébrica que define formalmente a taxa de lucro, assim: $L' = M/C+V$, sendo que pode-se expressá-la, como fez Desai (1987): $L' = (M/V)/q+1$, sendo $q=C/V$. Assim temos que a taxa de lucro funciona formalmente na dependência de duas forças centrais: a taxa de exploração da força de trabalho social (M/V) e da composição orgânica do capital (C/V). Marx (2017) desenvolve uma longa discussão sobre como se observam forças de contra tendência ao declino da taxa de lucro, mas secularmente se impõe seu declínio.

Portanto, notamos que a compreensão da Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro é essencial para compreender os ciclos de crise econômica e seus impactos sobre o próprio sistema capitalista. Com a taxa decrescente de lucro, o modo de produção capitalista encontra no desenvolvimento das forças produtivas uma barreira que não tem nenhuma relação com a produção

da riqueza como tal – essa barreira peculiar atesta a estreiteza e o caráter meramente histórico e transitório do modo de produção capitalista; atesta que este não é um modo de produção absoluto para a produção da riqueza, mas que, ao contrário, tendo atingido certo estágio, ele entra em conflito com o desenvolvimento ulterior dessa riqueza (MARX, 2017). Assim, percebe-se que a necessidade de crescimento incessante do capitalismo colide com seus próprios limites, contradição esta que continuará a ser discutida a seguir, somando-se às análises de István Mészáros (2015) e David Harvey (2020).

3. O CAPITALISMO EM CRISE: PARADOXOS E CONTRADIÇÕES DE UM SISTEMA EM TRANSFORMAÇÃO

Como Marx (2013 [1867]) acreditava, “nossa tarefa não é apenas compreender o traduzir o mundo, mas também transformá-lo”. Em vários pontos, é possível argumentar que, de certa forma, o capitalismo seguiu esse conselho. As drásticas mudanças impulsionadas por esse sistema ocorreram frequentemente sem uma reflexão prévia sobre seu funcionamento e as consequências das mudanças. Assim, o imprevisto e o inesperado têm se manifestado repetidamente e deixado a responsabilidade de consertar os resultados desastrosos do que já foi inadvertidamente moldado (HARVEY, 2020).

A trajetória do capitalismo é marcada por paradoxos que, em conjunto, muitas teorias sociais, especialmente as econômicas, raramente consideram. De um lado, há a repetição de crises econômicas, guerras intercapitalistas e entre impérios, destruição do meio ambiente, perda de diversidade da vida, pobreza espiral para populações em crescimento, neocolonialismo, questões sérias e persistentes de saúde pública e uma infinidade de alienação e exclusão social, para não falar dos sofrimentos da insegurança, violência e de desejos insatisfeitos (HARVEY, 2020).

Por outro lado, há aqueles que vivem no conforto material e no estilo de vida alto. As viagens e as comunicações foram revolucionárias, tanto para reduzir as barreiras físicas como para aumentar as barreiras sociais. Conhecimentos médicos e biomédicos continuam a prolongar a existência de muitos. Os centros urbanos ficam cada vez mais gigantes. O conhecimento está em expansão a um tremendo ritmo, fazendo com que muitos possam sentir que quase tudo é possível, até mesmo a reorganização do corpo humano por meio da clonagem e viagem espacial. Outro autor defensor do fim do capitalismo é Mészáros.

O autor refuta a ideia comum associada ao capitalismo como um sistema global perpétuo e inalterável. Isso é uma ilusão, argumenta Mészáros, apontando as contradições internas e as fragilidades estruturais do sistema. O autor aproveita a oportunidade para destacar sua urgência, já

que a Organização das Nações Unidas (ONU), projeta que cerca de 700 mil pessoas viverão abaixo da linha da pobreza extrema até 2030. Trata também da necessidade de alternativas sociais e políticas que enfrentem as crises do capitalismo, defendendo uma transformação radical das relações sociais e econômicas para alcançar um futuro sustentável.

Porquanto, o capitalismo aliena e espolia à natureza, por isso também cria uma fissura metabólica com base na contradição entre valor de uso e valor de troca, sendo o segundo hegemônico em relação ao primeiro (BURKETT, 1999; FOSTER; CLARK, 2020a). Nessa conjuntura, as concepções de Marx possibilitam “uma análise ecológica integral”, centrada na dialética e consoante a interconexão dinâmica entre a economia, a sociedade e o meio-ambiente (FOSTER, 2023; ALTVATER, 2006).

Desta forma ao observar o desenvolvimento capitalista ao longo do tempo, percebemos um sistema no qual o capital se move em busca de lucro através de diferentes "esferas de atividade", inter-relacionadas. Uma dessas esferas envolve a produção de novas tecnologias e formas organizacionais, que afetam profundamente as relações sociais e a interação com a natureza. Em momentos em que há escassez de trabalho ou recursos, surgem pressões para a criação de novas tecnologias e modelos organizacionais. Como exemplo, nos EUA o debate sobre a dependência do petróleo e o combate ao aquecimento global já inspiraram promessas de inovações tecnológicas, como carros elétricos e híbridos (HARVEY, 2020).

Saes e Saes (2013), afirma que existem dois problemas centrais que dominam a discussão sobre o futuro do capitalismo no século XXI: os desafios demográficos e ecológicos. O primeiro refere-se à dificuldade em prever o crescimento populacional com precisão e ao impacto desse crescimento nas dinâmicas econômicas globais. O autor Eric Hobsbawm previu uma estabilização populacional em torno de 10 bilhões de pessoas até 2030, porém estimativas mais recentes sugerem que esse marco pode ser atingido mais tarde. O aumento populacional contínuo em algumas regiões contrasta com o declínio em outras, criando fluxos migratórios de áreas mais pobres (onde o crescimento populacional é elevado) para áreas mais ricas, pois possuem baixa fecundidade. Além das barreiras políticas, a escassez de recursos tanto nas regiões de origem quanto nas de destino dificulta essa mobilidade.

A distribuição desigual de recursos e oportunidades reflete uma falha estrutural do capitalismo, que ainda não conseguiu garantir o básico para grande parte da população mundial. Em 2010, cerca de 925 milhões de pessoas enfrentaram a fome, evidenciando que o problema não é a

escassez de alimentos, mas sim a distribuição desigual de riqueza, sendo esta uma questão agravada pelo próprio funcionamento do sistema capitalista (SAES; SAES, 2013).

Além das pressões demográficas, o sistema capitalista leva a uma grave crise ecológica. De acordo com David Harvey (2017), o modelo de crescimento contínuo no qual o capitalismo se baseia, necessário para a formação do exército industrial de reserva⁷, é fundamentalmente incompatível com a preservação ambiental. A lógica de maximização de lucros leva à exploração excessiva dos recursos naturais, comprometendo a sustentabilidade ecológica. A China é frequentemente citada como exemplo desse dilema: seu rápido crescimento econômico elevou o país ao status de potência global, mas também gerou poluição severa e degradação ambiental, levantando dúvidas sobre a viabilidade desse modelo a longo prazo.

Um exemplo diferente são os países europeus, principalmente, os nórdicos. Ao adotarem políticas de bem-estar social combinadas com um forte compromisso com a sustentabilidade, mostram que alternativas são possíveis dentro do próprio capitalismo. A implementação de tecnologias limpas e políticas de redistribuição de riqueza, embora não suficientes para resolver completamente as contradições do sistema, têm conseguido equilibrar o crescimento econômico com a preservação ecológica.

Contudo essa percepção voltada para a ideia de grande escala desafia a lógica do capitalismo contemporâneo, visto que o crescimento ecológico diminuiria a acumulação de capital. E a globalização, ao facilitarem a circulação de mercadorias e capitais, limitam a mobilidade de pessoas, exacerbando as desigualdades entre nações desenvolvidas e em desenvolvimento. O acesso a recursos e oportunidades permanece restrito a uma minoria privilegiada, enquanto a maioria ainda enfrenta escassez e insegurança alimentar (HARVEY, 2020; MÉSZÁROS, 2011).

Assim o problema reside nas bases do sistema: o foco na acumulação de capital e no lucro. Sem uma transformação estrutural mais profunda, que inclua uma mudança radical nos valores econômicos e sociais, o capitalismo continuará a produzir crises cíclicas, sejam elas ecológicas, demográficas ou econômicas (HARVEY, 2020; MÉSZÁROS, 2011).

⁷ O exército industrial de reserva é a população trabalhadora excedente, um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista. Ela pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele o tivesse criado por sua própria conta. Fornecendo as necessidades variáveis de valorização, o material humano que está sempre pronto para ser explorado, independentemente dos limites do verdadeiro aumento populacional (MARX, 2013, p.462-463).

Um exemplo atual dessas crises estruturais são: a crise financeira de 2008 e a crise decorrente da pandemia de COVID-19, que expuseram as vulnerabilidades do capitalismo global. Embora o sistema tenha se recuperado em algumas regiões, as cicatrizes dessas crises — como o aumento da desigualdade e a precarização do trabalho — demonstram a fragilidade do modelo atual. Isso é visível principalmente em países periféricos, como é o caso do Brasil.

Nesse contexto, a necessidade de repensar o capitalismo torna-se urgente. Celso Furtado já apontavam a insustentabilidade de um desenvolvimento econômico ilimitado, e a transição para um modelo mais sustentável e inclusivo aparece como o único caminho viável. A ideia de "decrescimento", defendida por alguns teóricos, sugere que é necessário abandonar a busca incessante por crescimento e focar na redistribuição de riqueza e na redução do consumo, especialmente nos países mais ricos (SAES; SAES, 2013).

Um paradoxo do sistema capitalista é que ao mesmo tempo que permite a circulação de capitais e mercadorias, restringem a mobilidade das pessoas, especialmente das populações mais vulneráveis. A disparidade entre países desenvolvidos e em subdesenvolvidos se reflete na capacidade dos primeiros de limitar a imigração e controlar o acesso a recursos, enquanto os mais pobres continuam a sofrer com a escassez e a insegurança alimentar. Essa dinâmica reflete a desigualdade estrutural do capitalismo global, onde o acesso a bens essenciais e oportunidades econômicas permanece concentrado nas mãos de uma minoria privilegiada (SAES; SAES, 2013; HARVEY, 2017; MÉSZÁROS, 2011).

Além das pressões demográficas, reiteramos sobre as crises ecológicas por serem uma questão crítica. Como apontado por Harvey (2017), o capitalismo é essencialmente orientado para o crescimento contínuo, o que resulta em consequências devastadoras para o meio ambiente. O impulso incessante por lucro leva à exploração excessiva de recursos e à degradação ambiental, destacando a contradição fundamental do sistema: enquanto o capitalismo depende de crescimento perpétuo, ele simultaneamente destrói as condições necessárias para que esse crescimento continue comprometendo ecossistemas e a biodiversidade.

Retomando o exemplo da China, seu rápido crescimento econômico impulsionado por um modelo capitalista de produção, resultou em sérios problemas ambientais e de saúde pública, como poluição severa e degradação do solo. Embora a China tenha conseguido crescer de forma acelerada, seu modelo de desenvolvimento levanta dúvidas sobre sua viabilidade a longo prazo, não apenas pela crise ambiental, mas também pelas crescentes desigualdades sociais (HARVEY, 2017). De acordo

com um relatório da Oxfam (2023), a disparidade entre ricos e pobres na China continua a crescer, mesmo em meio ao impressionante crescimento econômico do país.

Existem diferentes visões sobre o papel do Estado⁸ nesse processo. Enquanto Harvey (2017) crítica a resposta política e econômica às crises ambientais, Mészáros (2015) examina o papel do governo chinês, que, embora autodeclarado socialista, adotou práticas de mercado que o integraram ao sistema capitalista global. Ele vê essa integração como uma contradição inerente, já que as relações de exploração do trabalho não foram eliminadas, mas, em muitos casos, exacerbadas. Ao adotar elementos de mercado, a China não só reconfigurou seu papel na ordem capitalista global, como também ampliou as desigualdades internas, algo que, segundo Mészáros (2015), compromete qualquer possibilidade de superar as crises que o capitalismo enfrenta.

É nesse ponto que as questões demográficas e ecológicas se encontram. O crescimento das cidades, impulsionado pela lógica capitalista, gera uma pressão adicional sobre os recursos naturais, exacerbando a crise ecológica. Harvey (2017), ao discutir a urbanização, argumenta que o desenvolvimento urbano sob o capitalismo não apenas aprofunda as desigualdades sociais, mas também cria uma infraestrutura insustentável. As cidades se tornam vulneráveis a desastres naturais e crises de recursos, com populações cada vez mais expostas à escassez de água, poluição do ar e falta de alimentos. A urbanização, portanto, não é apenas um reflexo do crescimento capitalista, mas também um agravante da crise ecológica e social.

Hobsbawm, em *A Era dos Extremos*, conclui que o capitalismo, apesar de ter transformado profundamente o mundo nos últimos dois ou três séculos, chegou a um ponto de crise histórica. Segundo ele, “se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente” (HOBSBAWM, 1995, p. 562 apud SAES; SAES, 2013, p. 659). A ideia de desenvolvimento econômico ilimitado, como também apontado por Celso Furtado, se revela insustentável, e o capitalismo precisará encontrar formas mais sustentáveis de crescimento – ou aceitar limites que põem em risco sua própria sobrevivência.

David Harvey reforça que as soluções de mercado, como tecnologias verdes ou políticas de sustentabilidade, embora importantes, não são suficientes para resolver as contradições fundamentais do sistema. A transformação necessária deve ser mais profunda, repensando as próprias bases sobre

⁸ O Estado é uma instituição que surge das relações de produção capitalistas e desempenha um papel fundamental na reprodução dessas relações e na produção de valor tornando-se uma forma de manutenção necessário para o processo de acumulação do capitalismo, utilizando-se da aparente separação da economia e política para realizar a manutenção do processo de classes, além da produção e reprodução do mais-valor (OSORIO, 2019).

as quais o capitalismo está assentado. O sistema atual, focado na maximização de lucros e na acumulação de capital, precisa ser substituído por um modelo que priorize a equidade social e a sustentabilidade ambiental. Harvey sugere que essa transformação não é apenas desejável, mas essencial para garantir um futuro viável para a humanidade.

Por fim, Mészáros (2015) e Harvey (2017) concordam que, sem uma mudança radical nos valores sociais e econômicos que sustentam o capitalismo, o sistema continuará a se confrontar com crises que ameaçam não apenas a sua existência, mas também a própria sobrevivência do planeta. O futuro do capitalismo, portanto, depende de uma reestruturação que coloque o bem-estar coletivo e a sustentabilidade ecológica no centro das relações econômicas. A superação dessas contradições é uma questão de necessidade urgente, que não pode ser ignorada se quisermos garantir um futuro viável para o planeta e suas populações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RECONSTRUIR AS UTOPIAS

O futuro do capitalismo enfrenta um dilema crucial: sua capacidade de resolver as crises que ele mesmo gera e a expansão da falha metabólica que levará, inevitavelmente, a destruição do planeta. As análises de Marx, Mészáros e Harvey ressaltam a insustentabilidade de um modelo que perpetua desigualdades sociais e esgota os recursos naturais em prol do lucro. Embora existam tentativas de adaptar o capitalismo por meio de tecnologias verdes e políticas de redistribuição, essas soluções muitas vezes se mostram superficiais, incapazes de abordar as contradições estruturais do sistema.

É essencial reconhecer que vivemos em um mundo moldado por um processo econômico e tecnocientífico que dominou os últimos séculos. Essa trajetória não pode continuar indefinidamente. Há sinais, tanto externos quanto internos, de que chegamos a um ponto de crise histórica; o futuro não pode ser uma mera continuação do passado. Se desejamos um futuro reconhecível, precisamos mudar nossa abordagem, pois a persistência das condições atuais resultará em falhas e consequências graves.

Para evitar o colapso, é necessária uma transformação radical que transcenda a lógica da acumulação e da exploração. A ideia de decrescimento, que enfatiza a redistribuição de riqueza e a busca por um equilíbrio sustentável, emerge como uma alternativa indispensável. Sem essa reestruturação profunda, o sistema continuará a gerar crises econômicas e ecológicas, ameaçando não apenas sua própria sobrevivência, mas também o bem-estar do planeta e das futuras gerações.

Portanto, repensar os valores e as práticas que sustentam o capitalismo não é apenas um passo urgente e inadiável, mas um imperativo moral que nos convoca a todos. O futuro que almejamos —

mais justo e sustentável — depende de nossa disposição coletiva para enfrentar essas questões e moldar um novo paradigma econômico que beneficie a todos.

Faz-se necessário pensar novas utopias, como antes já se colocaram. Diferentemente do que pensam os economistas neoclássicos e os defensores do capitalismo, essa forma social e econômica é somente mais um momento na história humana, como antes o escravagismo e o feudalismo, modos de produção que foram superados pela história neste longo devir que é a construção da civilização humana, talvez estejamos no limiar da história, o próximo passo será construir um novo projeto civilizacional da e para humanidade.

REFERÊNCIAS

- DANTAS, R. de S. **CRISE DE SUPER-PRODUÇÃO E CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL**. Temas & Matizes, [S. l.], v. 8, n. 15, p. p.69–86, 2000. DOI: 10.48075/rtm.v8i15.3908. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/3908>>. Acesso em: 19 de outubro 2024.
- HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. Boitempo Editorial, 2017.
- HARVEY, David. **Os sentidos do mundo**. Boitempo Editorial, 2020.
- MARX, K. [1867]. **O Capital: crítica da economia política. Livro I**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. (Coleção Marx-Engels).
- MARX, K. [1894]. **O capital: crítica da economia política. Livro III**. Tradução Rubens Enderle 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Boitempo Editorial, 2015.
- OXFAM. **O 1% mais rico do mundo embolsou quase duas vezes a riqueza obtida pelo resto do mundo nos últimos dois anos**. Oxfam International, 2023. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/noticias/o-1-mais-rico-do-mundo-embolsou-quase-duas-vezes-a-riqueza-obtida-pelo-resto-do-mundo-nos-ultimos-dois-anos/>> Acessado em: 15 de outubro de 2024.
- ONU. **Relatório de Desenvolvimento Sustentável 2020**. Organização das Nações Unidas, 2020.
- OSORIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização: a sociedade civil e o tema do poder**. Expressão Popular, 2019.
- ROBERTS, Michael. **A world rate of profit: important new evidence**. The Next Recession, 22 jan. 2022. Disponível em: <<https://thenextrecession.wordpress.com/2022/01/22/a-world-rate-of-profit-important-new-evidence/>>. Acesso em: 24 out. 2024.
- SAES, Flávio Azevedo Marques de; SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. São Paulo: Saraiva, 2013.